

FREE BOOKS

3 CONTOS CRUEIS

PIERRÔ, O COLAR DE DIAMANTES,
A MORTA

GUY DE MAUPASSANT

GUY DE MAUPASSANT

3 CONTOS CRUÉIS

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS ESTRANGEIROS
TERROR-HORROR-FANTASIA

Título: 3 CONTOS CRUÉIS

Autor: Guy de Maupassant (1850 – 1893)

Tradutores: Autores desconhecidos dos séculos XIX e XX, publicados originalmente nos seguintes periódicos: "A Leitura", Lisboa/Portugal, tomo VIII, 1895; "Diário da Tarde", de Curitiba/PR, 5 de julho de 1904; "Pacotilha", São Luís/MA, 29 de dezembro de 1909. Fizeram-se adaptações textuais.

Imagem da capa: Jean-Baptiste Bassoul (1875 – 1934)

Leiaute da capa: Canva

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 10

Editor: Free Books Editora Virtual

Site: www.freebookseditora.com

Direitos da tradução: Originais e traduções de domínio público (art. 41, *caput* e art. 40, “*caput*” e parágrafo único; 45, “*caput*” e inciso II da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998)

Ano: 2017

Sites recomendados:

www.triumviratus.net , www.contosdeterror.com.br

Sumário

[PIERRÔ](#)

[O COLAR DE DIAMANTES](#)

[A MORTA](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

PIERRÔ

Madame Lefèvre era uma senhora do campo, uma destas semicampesinas que usam fitas e chapéus de folhos, destas pessoas que falam com pretensões, tomam ares grandiosos em público, e ocultam uma alma pretensiosamente brutal sob aparências cômicas e variadas, da mesma maneira que encobrem mãos grossas e vermelhas com luvas de seda crua.

Tinha por criada uma camponesa simplória chamada Rose.

As duas mulheres habitavam uma casinha de persianas verdes ao longo da estrada, na Normandia, no centro do país de Came.

Como possuíam um jardinzinho estreito, defronte da casa, cultivavam ali alguns legumes e hortaliças.

Ora, certa noite surrupiaram-lhe uma dúzia de cebolas. Rose, assim que deu pelo furto, correu a prevenir a senhora, que desceu ao jardim em saia curta.

Foi uma desolação e um terror. Tinham furtado, furtado Madame Lefèvre! Já se vê que havia larápios pela redondeza e poderia ser que voltassem.

E as duas mulheres, assustadas, contemplavam os vestígios dos passos, tagarelavam, supunham várias coisas.

—Olhe, passaram por aqui. Puseram os pés no muro. Saltaram para o alegrete.

E o futuro aterrorizava-as. Como era possível dormirem agora sossegadas?!

O boato do roubo espalhou-se. Os vizinhos vieram verificar, discutiram também. E as duas mulheres explicavam a cada recém-chegado as suas observações e as suas ideias.

Um fazendeiro, que morava ao lado, deu este conselho:

—A senhora deveria ter um cão.

Isso era verdade. Deveriam ter um cão, ainda que apenas para dar o

alerta. Não era preciso nenhum canzarrão. Valha-me Deus! O que haviam de fazer com um canzarrão? O sustento as arruinaria! Mas um cãozinho —na Normandia diz-se *cãezinho* —que latisse.

Logo todos foram embora e Madame Levrève discutiu muito tempo essa ideia do cão. Depois de refletir, fazia mil objeções, aterrorizada pela imagem de uma tigela cheia de comida. Porque era ela desta raça parcimoniosa de damas campesinas que trazem sempre miúdos na algibeira para darem esmolas ostensivamente aos pobres das estradas e, na igreja, no peditório de domingo.

Rose, que gostava de animais, deu suas razões e defendeu-as astuciosamente. Por consequência, decidiu-se que teriam um cão. Um cão pequeno.

Começaram à procura dele, mas acharam apenas grandes devoradores de sopa que eram de arrepiar. O tendeiro de Rolleville tinha um, pequenino. Mas exigia por ele dois francos para pagar as despesas da criação. Madame Lefrève declarou que estava disposta a sustentar um *cãezinho*, mas que não queria comprá-lo.

Ora, o padeiro, que estava ciente dos acontecimentos, trouxe, numa manhã, em sua carroça, um animalzinho estranho, todo amarelo, quase sem patas, com um corpo de crocodilo, um focinho de raposa e uma cauda de trombeta, um verdadeiro penacho, tão grande quanto ele. Um freguês queria desfazer-se do animal. Madame Lefrève achou lindo aquele cãozinho imundo que não lhe custava dinheiro. Rose beijou-o e perguntou como se chamava.

O padeiro respondeu:

—Pierrô.

Instalaram-no num velho caixote de sabão, ofereceram-lhe água primeiro. Bebeu. Em seguida, apresentaram-lhe um bocado de pão. Comeu. Madame Lefèvre, inquieta, teve uma ideia:

—Quando já estiver acostumado à casa, vamos soltá-lo. Ele há de encontrar comida, farejando aí pelas terras.

Soltaram-no, efetivamente, o que não impediu que ele andasse esfomeado. Quanto a latir, fazia-o apenas para reclamar a sua ração. Mas, neste caso, ladrava com verdadeiro furor.

Todo mundo podia entrar no jardim. Pierrô recebia todos os recém-

chegados com festas e afagos, e ficava absolutamente mudo.

Madame Lefrève, apesar disso, acostumara-se ao animal. Chegava até a gostar dele, e dar-lhe com a mão, de vez em quando, bocadinhos de pão ensopados no molho de seu guisado.

Mas nunca se lembrara do imposto e quando lhe pediram oito francos — oito francos, santo Deus! —, por aquele enguiço que nem mesmo ladrava, esteve quase a desmaiar de surpresa.

Resolveram, imediatamente, desembaraçar-se de Pierrô. Os habitantes dos arredores o recusaram. Então, à falta de outro meio, decidiu-se que fariam “piquer du mas”

“Piquer du mas” é “comer marga”. Quando alguém quer ver-se livre de um cão, obriga-o a “piquer du mas”.

No meio de uma vasta planície, avista-se uma espécie de cabana, ou antes um pequeno telhado de colmo assentado no chão. É a entrada da margueira. Um grande poço desce direto vinte metros debaixo da terra e vai dar numa série de galerias de minas.

Desce-se a essa pedreira uma vez por ano, na época em que se margam as terras. O resto do tempo serve de cemitério aos cães condenados. E, muitas vezes, quando se passa junto do edifício, ouvem-se uivos lastimosos, queixumes suplicantes, latidos furiosos ou desesperados.

Os cães de caça e o gado fogem, espavoridos, das proximidades dessa cova assustadora. E quando alguém se curva por cima da abertura, sente um cheiro abominável da podridão.

Ali, no meio da sombra, desenrolam-se dramas horríveis.

Quando um animal agoniza, no fundo, há dez ou doze dias, alimentando-se com os restos de seus predecessores, outro animal maior, decerto mais vigoroso, é lançado no poço repentinamente. Estão ambos sós, esfaimados, de olhos luzentes. Observam-se mutuamente, seguem-se, hesitam, indecisos. Mas a fome os excita: atacam-se, lutam durante muito tempo, desesperados. E o mais forte come o mais fraco, devora-o vivo.

Logo que resolveram levar Pierrô a “piquer du mas”, tratou-se de procurar o executor. O zelador de estradas pediu dez soldos pelo trabalho. Madame Lefrève achou isto um exagero. O garoto vizinho contentava-se com

cinco soldados. Ainda era muito. E, como Rose observara que era melhor levarem-no elas mesmas, porque assim não seria o cão maltratado pelo caminho, e nem prevenido da sorte que o esperava, resolveram ir ambas, ao anoitecer.

Nesta tarde, ofereceram ao cãozinho uma bela sopa, com dois dedos de manteiga. Ele devorou até a última gora e, quando estava agitando a cauda de contentamento, Rose o pegou e o embrulhou no avental.

Caminhavam rapidamente, como ladras, através da planície. Não tardou que avistassem a margueira e se aproximassem dela. Madame Levrève debruçou-se para ouvir se algum animal gemia. Não! Não havia nenhum! Pierrô ficaria só. Então Rose, que chorava, beijou-o e, sem seguida, deitou-o pela abertura. E curvaram-se ambas, de ouvido à escuta.

Primeiro ouviram um ruído surdo. Em seguida, o grito agudo, dilacerante, horrível, de um animal ferido. Depois, uma série de gritinhos dolorosos. Em sequência, chamadas desesperadas, súplicas de cão, que erguia a cabeça para abertura do fosso.

Como ele gemia agora!

As duas mulheres sentiram-se possuídas de remorso, de pavor, de um medo louco e inexplicável. E fugiram correndo. E, como Rose ia mais depressa, Madame Lefèvre gritava:

—Espera aí, Rose! Espera aí!

Nessa noite, tiveram pesadelos horríveis.

Madame Lefèvre sonhou que ia sentar-se à mesa para tomar a sopa, mas, quando destampava a terrina, Pierrô estava lá dentro. Saltava e mordida-a no nariz.

Acordou e pareceu-lhe que ainda o ouvia ganir. Pôs-se à escuta: enganou-se.

Tornou a adormecer e viu-se em uma grande estrada, uma estrada interminável, por onde ela caminhava. De repente, no meio do chão, avistou um cesto de junco —um grande cesto caseiro —abandonado. E aquele cesto a assustava.

Contudo, acabou por ouvi-lo, e Pierrô, que estava dentro, agachado,

agarrava-lhe a mão e não a largava. E ela fugia, aflita, levando o cão pendurado no braço, com os dentes cerrados.

De madrugada, levantou-se quase louca e correu à margueira.

O cão gania. Gania ainda e ganira a noite toda. Madame Lefrève começou a soluçar e chamou-o com mil palavras carinhosas. Ele respondeu com toda as ternas inflexões da sua voz de cão.

Ela, então, quis tornar a vê-lo, prometendo a si mesma fazê-lo feliz até a morte.

Foi à casa do homem encarregado da extração da marga e contou-lhe o acontecido. O homem ouvia sem dizer palavra. Quando ela acabou, o homem lhe disse:

—A senhora quer o seu cãozinho? São quatro francos.

Madame Lefrève teve um sobressalto. A dor desapareceu-lhe imediatamente.

—Quatro francos? Era o que me faltava! Quatro francos!

—A senhora julga — respondeu o homem — que eu vou buscar as minhas cordas, minhas manivelas, arranjar tudo, ir lá embaixo com o rapaz, e ser mordido, ainda por cima, pelo raio do cão, só para lhe dar gosto? Que não o lançasse lá!

Ela foi-se embora, indignada.

—Quatro francos!

Assim que chegou a casa, chamou Rose e contou-lhe as pretensões do homem. Rose, sempre resignada, repetia:

—Quatro francos! É muito dinheiro, minha senhora.

Depois acrescentou:

—E se a gente levasse de comer ao pobre cãozinho, para ele não morrer assim?

Madame Lefrève aprovou, muito contente. E puseram-se ambas a caminho, com um grande pedaço de pão com manteiga.

Cortaram aos bocadinhos e deitava-os, um após outro, falando sempre

com Pierrô. E logo que engolia um bocado, gania para reclamar o seguinte.

Voltaram à noite, no dia seguinte, e todos os dias. Mas já não faziam senão uma jornada em cada um.

Ora, certa manhã, no momento em que deixaram cair o primeiro bocado, ouviram, de repente, um latido formidável dentro do poço. Eram dois cães! Tinham arrojado lá um outro cão, um enorme canzarrão.

Rose gritou:

—Pierrô!

E Pierrô ganiu, ganiu. Começaram a deitar-lhe a comida. Mas, a cada bocado que caía, distinguiam perfeitamente uma algazarra terrível, depois os gritos lastimosos de Pierrô, mordido pelo companheiro, que, sendo mais forte, comia tudo.

Era em vão que elas explicavam:

—É para ti, Pierrô!

Pierrô não apanhava nada, era evidente.

As duas mulheres olhavam uma para outra, interditas.

Madame Levrève declarou, em tom azedo:

—Mas eu não posso sustentar todos os cães que atirarem aqui. Temos de renunciar a isto.

E, sufocada com a ideias de todos esses cães vivendo à sua custa, foi-se embora, levando até o resto de pão, que foi comendo pelo caminho.

Rose seguiu-a, enxugando os olhos com o canto do avental azul.

O COLAR DE DIAMANTES

Era uma dessas lindas e encantadoras moças oriundas, como por erro do destino, de uma família de funcionários públicos. Não tinha dote, não contava com esperanças, carecia de meios para se tornar conhecida, compreendida, querida, desposada por um homem rico e distinto. E aceitou casar-se com um pequeno funcionário do Ministério da Instrução Pública.

Era modesta, não podendo viver no luxo, porém infeliz como uma desclassificada, porque as mulheres simples não têm casta, nem raça. E a beleza, a graça e o encanto suprem as qualidades de berço e de família. Sua delicadeza congênita, seu instinto de elegância, sua maleabilidade e espírito são sua a única hierarquia e tornam as filhas de pobres iguais às senhoras da alta sociedade.

E sofria continuamente, sentindo-se nascida para todas as delicadezas e todos os luxos. Sofria da pobreza de sua casa, da indigência das paredes, dos estragos da mobília, da fealdade dos estofados. Todas essas coisas ínfimas, que outra mulher da sua casta não teria reparado, a torturavam e indignavam. A presença da pequena Bretonne, que fazia o serviço de sua humilde casa, despertava-lhe mágoas aflitivas e sonhos alvoroçados. Pensava nas antecâmaras mudas, forradas de tecidos orientais, iluminados por altos candelabros de bronze; nos lacaios de calções curtos a dormir em vastas poltronas, entorpecidos pelo calor denso do calorífero. Pensava nos espaçosos salões revestidos de seda antiga, nos móveis artísticos cobertos de alfaias inestimáveis e nas salinhas formosas, perfumadas, próprias para a conversa, à tarde, com personalidades notórias e solicitadas, de que todas mulheres cobiçam e desejam captar a atenção.

Quando, ao jantar, sentava-se à mesa redonda, coberta de uma toalha de três dias, ante o seu marido que descobria a sopeira, declarando com expressão satisfeita: “Ah, que boa sopa! Não conheço nada melhor...”, sonhava com jantares delicados, com pratarias reluzentes, com tapetes que povoam as paredes de personagens antigos e pássaros estranhos em meio a florestas fatídicas. Sonhava com manjares deliciosos, servidos em louças maravilhosas, em galanteios sussurrados e ouvidos com um sorriso de esfinge, enquanto as pessoas apreciavam a carne rósea de uma truta ou asas de perdiz.

Não possuía roupas finas, joias, nada. No entanto, era justamente disto de que gostava. Sentia-se feita para estas coisas. O que não daria para ser festejada e invejada, para sentir-se sedutora e cobiçada!

Tinha uma amiga rica, colega de convento, que não queria mais frequentar, tal era a sua aflição quando voltava para casa. E chorava, dias seguidos, de pesar, de tristeza, de desespero, de agonia.

Ora, uma noite, seu marido entrou em casa, com ar glorioso, tendo à mão um grande envelope.

— Olha — disse ele —, tenho aqui uma coisa para ti.

Ela rasgou vivamente o papel, de onde tirou um cartão escrito com essas palavras:

“O Ministro da Instrução Pública e a sua senhora rogam ao senhor Loisel e sua senhora dar-lhes a honra de comparecer ao baile no Palácio do Ministério, segunda-feira, 18 de janeiro.”

Em vez de manifestar-se contente, como esperava o seu marido, atirou com despeito o convite em cima da mesa, murmurando:

— O que queres que eu faça com isto?

— Mas, querida, eu pensei que ficarias contente. Tu nunca saís, e é preciso aproveitar a bela ocasião. Tive uma grande dificuldade em obter este convite. Todos querem um. É muito procurado e não é ofertado facilmente aos funcionários. Tu irás ver todo o mundo oficial.

Ela o fitava com o olhar irritado. Disse-lhe, impaciente:

— O que queres que eu vista para ir à festa?

Ele não pensara nisto. Balbuciou:

— Mas... o vestido com que vais ao teatro. Parece-me que é muito adequado...

Calou-se, estupefato, atarantado, vendo que sua mulher chorava.

Duas grandes lágrimas rolavam lentamente dos olhos aos cantos da boca.

Gaguejou:

— Que tens? Que tens?

Mas, com um esforço violento, ela conseguiu reprimir seu desgosto, e respondeu com voz calma, enxugando as faces úmidas:

— Nada. O que eu não tenho é um vestido e, por conseguinte, não posso ir a essa festa. Dá o teu convite a um amigo cuja mulher esteja mais bem vestida do que eu.

Ele estava muito sentido. Continuou:

— Vejamos, Mathilde. Quanto custará um vestido apropriado, que possa servir ainda em outras circunstâncias, algo que seja simples?

Ela refletiu alguns instantes, fazendo cálculos, e também pensando na quantia que podia pedir sem incorrer numa recusa imediata e ouvir uma exclamação assustada do funcionário.

Por fim, respondeu, hesitante:

— Não sei ao certo. Mas creio que, com quatrocentos francos, eu consigo um vestido.

Ele empalidecera um pouco, pois reservava justamente essa importância para comprar uma espingarda e gozar dos prazeres da caça no verão seguinte, na planície de Nanterre, com alguns amigos que lá iam para alvejar as cotovias aos domingos.

Entretanto, disse:

— Pois que seja. Eu te dou os quatrocentos francos. Mas trate de conseguir um belo vestido.

*

O dia da festa aproximava-se e a senhora Loisel parecia triste, inquieta, ansiosa. No entanto, o seu vestido estava pronto. O marido disse-lhe uma noite:

— Que tens? Estás esquisita há três dias.

— Aborrece-me não ter nenhuma joia, uma gema, nada que me enfeite. Minha aparência será a da perfeita miséria. Talvez fosse melhor que eu não comparecesse à festa.

— Há flores naturais. É de muito bom gosto nesta época. Mediante dez francos, terás duas ou três rosas magníficas.

Ela não se dava por convencida.

— Não... não há nada mais humilhante do que parecer pobre entre senhoras ricas.

— Como és tola! Vai procurar a tua amiga Forestier e pede a ela que te empreste algumas joias. Tens bastante intimidade para pedir-lhe tal coisa.

Ela soltou um grito de alegria:

— É verdade! Eu não me tinha lembrado!

No dia seguinte, dirigiu-se à casa de sua amiga e lhe contou a sua angústia.

A senhora Forestier adiantou-se para um armário de espelho, tirou um grande cofre de joias, trouxe-o, abriu-o e disse à senhora Loisel:

— Escolhe, minha querida.

Viu primeiramente pulseiras, depois um colar de pérolas, depois uma cruz veneziana, de ouro e gemas de admirável perfeição.

Experimentava as joias diante do espelho. Hesitava. Não podia decidir-se a tirá-las e devolvê-las.

Ainda inquiria:

— Não tens mais nada?

— Certamente. Procura o que te pode agradar.

De súbito, descobriu, em uma caixa de cetim preto, um esplêndido colar de diamantes. E o seu coração pôs-se a pulsar num desejo imoderado. Ao tirá-lo, as suas mãos tremiam. Prendeu-o ao pescoço, por sobre o vestido, e permaneceu em êxtase, diante de si mesma.

Depois perguntou, ansiosa:

— Tu podes emprestar-me este? Somente este?

— Sim, claro.

Saltou ao pescoço de sua amiga, beijou-a arrebatadamente, retirando-

se com seu tesouro.

*

Chegou o dia da festa. A senhora Loisel foi um sucesso. Era a mais bonita de todas. Elegante, graciosa, sorridente e louca de alegria. Todos os homens olhavam-na, perguntavam o seu nome, procuravam ser-lhe apresentados. Todos os adidos do gabinete queriam valsar com ela. O ministro a notou.

Dançava inebriadamente, ardorosamente, entontecida pelo prazer, não pensando mais em nada, apenas no triunfo de sua beleza, na glória do seu sucesso, em uma espécie de nuvem de felicidade feita de todas essas homenagens, de todas essas admirações, de todos esses desejos despertados, dessa vitória tão completa e tão doce ao coração das mulheres.

Retirou-se cerca das quatro da madrugada. Seu marido, desde a meia-noite, dormia em um salãozinho deserto, em companhia de outros três senhores cuja mulheres muito se divertiam.

Ele atirou-lhe aos ombros as roupas que trouxera para a saída, modestos vestuários de todos os dias, cuja pobreza contrastava com a elegância do vestido de baile. Ela o sentiu e quis fugir, para não ser notada pelas outras senhoras que se envolviam em ricos mantos de peles.

Loisel a retinha:

— Espera. Vais tomar frio lá fora. Vou chamar um carro.

Mas ela não o atendia e descia rapidamente a escada. Quando chegaram à rua, não conseguiram achar nenhum carro. Puseram-se a procurar, chamando os cocheiros que passavam ao longe.

Desciam em direção ao Sena, desesperados, tiritantes de frio. Enfim, depararam-se, no cais, com um desses cupês noturnos que só são vistos em Paris depois do cair da noite, como se à luz do dia tivessem vergonha de sua miséria.

Conduziu-os até a porta, na rua dos Mártires. Subiram tristemente para casa. Estava tudo acabado para ela. E, quanto a ele, pensava na hora que devia chegar à repartição.

Despiu as roupas que lhe envolviam o ombro, diante do espelho, a fim

de contemplar-se mais uma vez em sua glória. Mas, subitamente, soltou um grito. O colar já não mais estava ao redor de seu pescoço.

Seu marido, já quase despido, perguntou:

— O que houve?

Voltou-se para ele, como louca:

— Não... não tenho mais o colar da senhora Forestier.

Ele ergueu-se, apavorado:

— O quê? Como? Não é possível!

E começaram a procurar nas dobras do vestido, nas dobras da capa, nos bolsos, em toda parte. Não o encontraram.

Ele perguntava:

— Estás certa que ainda o trazias ao sair do baile?

— Sim. Toquei nele no saguão do Ministério.

— Mas se tu o tivesses perdido na rua, nós o teríamos ouvido cair. Deve ter ficado no carro.

— Sim, é provável. Guardaste o número do cupê?

— Não. E tu, não olhaste?

— Não.

Contemplaram-se aterrorizados. Finalmente, Loisel vestiu-se de novo.

— Vou — disse ele — percorrer todo o trajeto que fizemos pé a ver se consigo achá-lo.

E saiu. Ela permaneceu nos seus trajes de baile, sem forças para deitar-se, aniquilada numa cadeira, sem ideias.

Seu marido regressou às sete. Não tinha achado nada.

Foi, então, à delegacia de polícia, aos jornais para anunciar uma recompensa às companhias de carro de praça, por toda parte, enfim, aonde uma suspeita de esperança o levava.

Ela esperou o dia inteiro, no mesmo estado de pavor, ante esse

irreparável desastre.

Loisel voltou à noite, o rosto cavado, lívido. Não havia descoberto nada.

— É preciso escrever à tua amiga que quebraste o fecho do colar e que tu mandaste consertá-lo. Isto nos dará tempo para pensarmos no que faremos.

Ela escreveu o que ele ditou.

*

Ao cabo de uma semana, tinham perdido toda esperança.

E Loisel, envelhecido de cinco anos, declarou:

— É preciso tomar nossas medidas para substituir a joia.

Tomaram, no dia seguinte, o estojo do colar e encaminharam-se ao joalheiro, cujo nome gravava-se na tampa.

Percorreu seus livros:

— Não fui eu, minha senhora, quem vendeu essa joia. Certamente forneci apenas a caixa.

Então, foram de joalheiro em joalheiro em busca de um adereço idêntico ao outro, consultando suas lembranças, doentes ambos de desgosto e ansiedade.

Encontraram, numa loja de Palais-Royal, um colar de diamantes que lhes pareceu em tudo semelhante ao que procuravam. Valia quarenta mil francos. Faziam por trinta e seis mil.

Pediram, pois, ao joalheiro que não o vendessem antes de três dias. E acordaram que o colar seria comprado de volta por trinta e quatro mil, caso o primeiro fosse achado antes do final de fevereiro.

Loisel possuía dezoito mil francos que seu pai lhe deixara. Obteria o restante por empréstimo.

Pediu mil francos a um, quinhentos a outros, cinco luíses aqui, três ali, assinou promissórias, assumiu compromissos arruinadores, negociou com agiotas, com todas as espécies de penhoristas. Comprometeu todo o fim de sua existência, arriscou a sua assinatura sem mesmo cogitar se podia honrá-la e, amedrontado pelas preocupações do futuro, pela miséria negra que ia abater-

se sobre ele, pela perspectiva de todas as privações físicas e de todas as torturas morais, foi buscar o novo colar, depositando no balcão do comerciante trinta e seis mil francos.

Quando a senhora Loisel foi restituir o adereço à senhora Forestier, ela lhe disse, num tom irritado:

— Devias tê-lo me devolvido com maior antecedência, pois eu poderia precisar dele.

Ela não abriu o estojo, algo que sua amiga temia. Se tivesse percebido a substituição, o que pensaria? Não a tomaria por uma ladra?

*

A senhora Loisel conheceu a vida horrível dos necessitados. Aliás, tomou uma resolução, de estalo, heroicamente. Era necessário satisfazer esta dívida medonha. Pagaria. Despediram a criada. Mudaram de residência. Alugaram, sob um telhado, um sótão.

Ela conheceu os pesados serviços domésticos, as odiosas obrigações da cozinha. Lavou as louças, estragando as unhas rosadas nos recipientes gordurosos e no fundo das panelas. Ensaboou as roupas sujas, as camisas e os esfregões da cozinha, que punha a secar numa corda. Desceu à rua, a cada manhã, o lixo, e carregou água, detendo-se em cada degrau para respirar. E, vestida como uma plebeia, foi à venda, ao açougue, a cesta debaixo do braço, regateando, injuriada, defendendo soldo por soldo seu mísero dinheiro.

Era preciso pagar, todos os meses, notas promissórias e renovar outras. Obter novos prazos.

No fim das tardes, o marido fazia a escrituração contábil de um comerciante e, não raro, às noites, fazia cópia de cinco vinténs por página.

E essa vida prolongou-se por um espaço de dez anos.

Ao cabo desse período, tudo fora restituído, tudo, com o prêmio da usura e a importância dos juros acumulados.

A senhora Loisel parecia velha, agora. Tinha-se tornado a mulher forte, intratável e rude das casas pobres. Mal penteada, as saias arregaçadas e as mãos avermelhadas, exprimia-se em altas vozes, lavava abundantemente os assoalhos. Mas, por vezes, durante as horas ausentes do marido, sentava-se

perto da janela e recordava-se daquela noite de outrora, daquele baile onde tinha sido tão bela e tão festejada.

O que teria acontecido se o colar não se tivesse perdido? Quem sabe? Como a vida é singular, notável! Como é preciso tão pouco para alguém arruinar-se ou salvar-se.

*

Ora, num domingo, quando ela saiu para uma caminhada nos Champs-Élysées, a fim de descansar dos labores da semana, divisou subitamente uma mulher que passeava com uma criança. Era a senhora Forestier, sempre jovem, sempre bela, sempre sedutora.

A senhora Loisel comoveu-se. Falaria com ela? Sim, por certo. E agora que tinha saldado os compromissos, contaria tudo a ela. Por que não?

Aproximou-se.

— Bom dia, Jeanne.

Como a outra não a reconhecesse prontamente, e pasmasse ser tão familiarizada com essa mulher do povo, balbuciou:

— Mas... minha senhora! Não sei... a senhora, certamente, está enganada.

— Não! Sou eu, Mathilde Loisel.

Sua amiga soltou um grito:

— Oh, minha pobre Mathilde, como estás mudada!

— Sim, passei dias de aflição, desde o nosso último encontro. Sofri muitas misérias... e isso por sua causa!

— Por minha causa? Como assim?

— Lembras-te daquele colar de diamantes que me emprestaste para o baile no Ministério?

— Sim. E então?

— Pois eu o perdi.

— Como, se tu me devolveste o colar?

— Eu te devolvi um outro perfeitamente idêntico. E o pagamos ao longo

de dez anos. Compreendes que isto não era fácil, a nós, que não temos nada... Enfim, tudo acabou e estou extremamente satisfeita.

A senhora Forestier parara.

— Então, dizes ter comprado um colar de diamantes para substituir o meu?

— É verdade. Não percebeste nada, não? Era absolutamente igual.

E sorria num júbilo orgulhoso e inocente.

A senhora Forestier, comovidíssima, tomou-lhe ambas as mãos:

— Oh, minha pobre Mathilde! Mas o meu colar era falso. Valia no máximo quinhentos francos!

A MORTA

Eu a amei perdidamente! E por que amamos? É mesmo estranho ver no mundo somente um ser, ter no espírito um pensamento único, no coração um desejo, na boca um só nome: um nome que se eleva incessantemente, que sobe, como a água de uma fonte, do íntimo da alma à flor dos lábios, e que se pronuncia, que se repete, que se murmura continuamente, por toda parte, como uma prece elegíaca.

Não contarei nossa história. O amor tem só uma, a mesma de sempre. Encontrei-a na vida e amei-a. Eis tudo. E durante um ano vivi de sua carícia, no aconchego de seus braços, embalado por sua voz, iluminado por seu olhar, aprisionado, envolvido, ligado a tudo que emanava de seu ser, mas de tal maneira que não sabia quando era tarde ou aurora, que ignorava se era morto ou vivo, sobre a terra ou fora da terra...

E ela morreu!

Como? Não sei mais!

Ela saiu numa noite chuvosa e retornou encharcada; e, no outro dia, tossiu. Tossiu por uma semana, de cama.

O que aconteceu? Não sei mais.

Os médicos chegavam, receitavam, partiam... Vinham remédios e uma mulher os ministrava. Suas mãos ardiam. A sua frente estava úmida e quente. Tinha um olhar brilhante e triste. Eu falava com ela, ela me respondia. O que dissemos um ao outro? Não sei mais! Esqueci tudo, tudo!

E ela morreu... Lembro-me ainda de seus suspiros, tão fracos, os últimos. A enfermeira murmurou apenas — “Ah!”. E eu compreendi, compreendi tudo!

Não soube de mais nada. Nada! Ouvi um padre dizer: “sua amante”. Parecia que a insultava. Pois já que ela morrera, ninguém mais tinha o direito de saber disto. Eu o mandei embora. Veio um outro, muito bom, muito meigo.

Eu chorei quando ele me falou sobre ela.

Consultaram-me a respeito de mil coisas relativas ao enterro. Não sei mais de nada. Entretanto, recordo-me tão bem do caixão, do ruído das

marteladas, de quando a encerraram lá dentro!...

E ela foi enterrada! Enterrada! Ela, numa cova! Vieram poucas pessoas, alguns amigos. Fugi. Saí a caminhar muito tempo pelas ruas. Depois voltei para casa. No outro dia, viajei.

Retornei hoje a Paris.

Quando revi o meu quarto — o nosso quarto, o nosso leito, os nossos móveis, toda essa casa onde ficara, tudo o que resta de uma vida após a morte — apoderou-se de mim uma mágoa tão intensa que tive necessidade de escancarar as janelas e precipitar-me na rua. Não podia viver no meio dessas coisas, dessas paredes que a encarceraram, e que deviam conservar ainda, em suas fissuras imperceptíveis, átomos dela, da sua carne, do seu hálito. Pus o chapéu para sair. De repente, ao transpor a porta, passei pelo grande espelho do vestíbulo, que ela mandara instalar ali para se ver todos os dias, de alto a baixo, para ver se estava bem vestida, correta e elegante, das botinas ao arranjo dos cabelos.

E me detive diante desse espelho que tanta vez a tinha refletido. Tantas vezes que ainda devia guardar a sua imagem. Imóvel, trêmulo, fixei os olhos no vidro liso, profundo, vazio, que encerrara ela toda, que a possuía tanto como eu, como o meu olhar apaixonado... Parecia que esse vidro nunca fora frio! Quanta saudade!

Saudade! Espelho doloroso e ardente, espelho vivo e horrível que me faz sofrer tantas torturas! Felizes dos homens cujo coração, como num espelho em que reflexos deslizam e se apagam, esquece tudo o que conteve, tudo o que se passou diante dele, tudo o que se contemplou em sua aflição e no amor!

Saí torturado e, alheado de mim mesmo, sem desejar, sem o saber, pus-me a caminho do cemitério. Achei o seu muito singelo túmulo, na simplicidade de uma cruz de mármore com algumas palavras:

“Amou, foi amada e morreu”.

Ela estava ali, ali embaixo, putrefeita. Que horror! Eu chorava, soluçava, à luz de um sol de tarde.

E assim fiquei muito tempo, muito tempo. Depois olhei em torno: uns

farrapos de noite enlutavam o espaço. Então, um desejo bizarro, louco, um desejo de amante, desvairado, tomou-me avidamente. Quis passar a noite junto dela, a noite última, a chorar em seu túmulo.

Mas me veriam. Iriam me expulsar. Que fazer? Ergui-me e comecei a errar pela cidade morta dos desaparecidos.

E eu andava, andava... Como é pequena esta cidade, comparada à outra, à outra onde vivemos. Todavia, como os mortos são mais numerosos do que os vivos! Precisamos de altas construções, ruas enormes, tanto lugar para as quatro gerações que, ao mesmo tempo, enxergam a luz do sol, bebem água da fonte, o vinho das vinhas e comem o trigo dos campos.

E para todas as gerações dos mortos, para toda a escala da humanidade vinda até nós — quase nada —, um pedaço de chão... quase nada! A terra se apodera deles, o esquecimento apaga lembranças dos seus rostos. Adeus.

Ao fim do cemitério habitado vi, de repente, o cemitério em abandono, onde os defuntos, ressequidos de velhos, acabam por se confundir com o solo, onde as próprias cruzes apodrecem e onde serão amanhã enterrados os que vierem por último. Viceja de rosas silvestres, de ciprestes vigorosos e negros, um jardim triste e magnífico, nutrido de carne humana.

Estava só, inteiramente só. Apoiei-me a uma árvore verde. Escondi-me entre as suas ramagens pesadas e sombrias e esperei, agarrado ao tronco, como um náufrago sobre destroços.

*

Quando baixou a noite escura, muito escura, deixei meu refúgio e comecei a caminhar mansamente, a passos lentos e surdos, sobre essa terra cheia de mortos.

Andei a esmo muito tempo, muito tempo. Não a encontrava. De braços estendidos, olhos escancarados, tateando as catacumbas com as mãos, com os joelhos, com o peito, errava sem a encontrar. Tocava, apalpava, como um cego à procura de um caminho, apalpava lajes, cruzes, grades de ferro, coroas de vidro, coroas de flores mutiladas. Tateava nomes, com meus dedos, correndo-os sobre as letras. Que noite! Que noite!

Nem uma réstia de luar! Que noite! Tive medo, um pavor alucinante, nesses caminhos estreitos, entre as fileiras de túmulos! Túmulos! Túmulos, sempre túmulos! À minha volta, além, mais além, por toda a parte, túmulos!

Sentei-me sobre uma sepultura. Não podia mais andar, porque meus joelhos vergavam de exaustos. Ouvia o meu coração bater. Ouvia outro ruído, também. O que era? Um ruído confuso, inexplicável. Vinha esse ruído no meu cérebro alucinado, da noite impenetrável, ou da terra misteriosa, adubada de cadáveres humanos? Olhei ao redor.

Quanto tempo fiquei assim? Não sei. Estava paralisado pelo terror, desvairado de espanto, quase a desfalecer, quase a morrer.

De súbito, tive a impressão de que a laje da tumba em que eu me sentara se movia. Movia-se como se alguém a levantasse. De um salto, precipitei-me sobre o túmulo próximo e vi, sim, eu vi a pedra erguer-se lentamente e surgir um esqueleto nu, que a empurrava com os ombros. Via muito bem, via tudo, não obstante a escuridão da hora. Pude ler sobre a cruz:

“Aqui repousa Jacques Olivant, morto aos cinquenta anos. Amou os seus, foi bom e honesto e morreu na paz do Senhor”.

Agora o morto lia também as coisas gravadas na lápide tumular. Tomou depois uma pedra pontiaguda e pôs-se a raspar com cuidado o epitáfio. Apagou-o lentamente, cravando a órbita vazia no lugar em que estava escrito. E com a ponta do osso que fora o seu indicador, escreveu em letras luminosas, com estas linhas que as crianças riscam na parede com um pirilampo vivo:

“Aqui repousa Jacques Olivant, morto aos cinquenta anos. Abreviou com crueldade os dias de seu pai, de quem desejava herdar, maltratou a esposa, atormentou seus filhos, traiu seus vizinhos, roubou quanto pôde e morreu miserável”.

Terminando, o morto ficou a contemplar a sua obra. E eu vi, voltando-me, que todos os túmulos se abriam, que todos os cadáveres os deixavam, que todos apagavam as lisonjas, escritas pelos parentes na pedra funerária, para

restabelecer a verdade.

E vi que todos tinham sido carrascos do próximo, odiosos, hipócritas, mentirosos, caluniadores, invejosos, e que haviam roubado, traído, praticado os atos mais vergonhosos, mais abomináveis, todos estes bons pais, estes maridos fiéis, estes filhos dedicados, estas donzelas castas, estes comerciantes probos, estes homens e estas mulheres irrepreensivelmente honestos.

Escreviam todos ao mesmo tempo, no pórtico de sua morada eterna, a cruel, a terrível, a santa verdade que os vivos sobre a terra ignoravam ou fingiam ignorar.

Lembrei-me de que ela devia também riscar a sua legenda.

Já sem medo algum, correndo por entre as covas abertas, por entre os cadáveres, precipitei-me para onde com certeza a encontraria.

E sobre a cruz de mármore, onde antes se lera: “Amou, foi amada e morreu”, vi agora:

“Saindo um dia para trair o seu amante, adoeceu sob a chuva e morreu”.

Parece que, ao raiar do dia, levaram-me inanimado da beira do túmulo.

SOBRE O AUTOR

Henry René Albert Guy de Maupassant (1850 – 1893) é um dos mais festejados contistas do século XIX. Discípulo de Flaubert, Maupassant deixou mais de 300 contos, que vão da crítica social (“Bola de Sebo”) ao terror (“O Horla”). Enveredou, com maestria, no ambiente do fantástico e do terrível. Às vezes, o excêntrico e o sobrenatural imperam (“A Morta”), subjacente o retrato da hipocrisia humana; noutras, prevalece o horror que deriva das mais sombrias imperfeições morais do gênero humano, como a avareza (“Pierrô”) e a vaidade (“O Colar de Diamantes”), com suas atrozes consequências.